

**Projeto Memória e História da Hanseníase no Brasil através de seus depoentes
(1960-2000)**

Ficha técnica:

Entrevistado: Abraão Rotberg

Entrevistadoras: Laurinda Rosa Maciel e Maria Leide W. de Oliveira

Transcrição: Maria Lúcia dos Santos

Conferência de fidelidade: 1ª Nathacha Regazzini Bianchi Reis

2ª Maria Leide W. de Oliveira

Sumário: Angélica Estanek Lourenço e Laurinda Rosa Maciel

Revisão de sumário: Monique de Jesus Assunção

Data da entrevista: 03 de Maio de 2002

Local: São Paulo – SP

Entrevista única

Fitas gravadas: 4 fitas

Sumário Abraão Rotberg

Fita 1 – Lado A:

O início de seus estudos no Colégio Pedro II, no Rio de Janeiro; a origem romênică de sua família e a profissão de seus pais, que eram comerciantes; o ingresso na Faculdade de Medicina, em 1928, na USP/SP; a defesa da tese de doutoramento, exigida na época, cujo tema foi a Reação de Mitsuda, em 1934; seu interesse pela área da Dermatologia; o estágio no Serviço de Profilaxia da Lepra, no Sanatório Padre Bento, em 1933, no sexto ano da faculdade; lembranças dos colegas e destaque para Luiz Marino Bechelli; o curso de dermatologia no *Skin Cancer Hospital*, em Nova Iorque/EUA, em 1939; o trabalho na Inspeção de Profilaxia da Lepra, em São Paulo, que consistia em fazer busca ativa aos doentes, diagnosticá-los e encaminhá-los para a internação compulsória; a criação da Fundação Paulista contra a Hanseníase; comentários sobre o isolamento compulsório e o uso do óleo de chaulmoogra; o início do tratamento com a Sulfona, em 1948; sobre um dos

seus trabalhos escritos em co-autoria com Luiz Marino Bechelli; considerações sobre a ineficácia do óleo de chaulmoogra.

Fita 1 - Lado B:

Considerações sobre o transplante de cabelo, sugeridas por um paciente de hanseníase, para amenizar a aparência dos doentes de lepra que perdiam os pelos dos cílios; o trabalho na Inspetoria de Profilaxia da lepra e relato sobre Francisco Salles Gomes Junior, diretor daquela Inspetoria, defensor e adepto do isolamento compulsório e considerações sobre o fim desta prática no Brasil; menção à Campanha Nacional contra a Lepra, em 1956; observações sobre a insistência do Estado de São Paulo em continuar com a política de isolamento compulsório; sua entrada para a Escola Paulista de Medicina, em 1959; o convite feito por Walter Sidney Pereira Lezer, Secretário Estadual de Saúde em 1967, para assumir a direção do Departamento de Profilaxia da Lepra, em 1967 e o término da política de isolamento compulsório em São Paulo; a mudança do nome da doença de lepra para hanseníase, a opinião dos doentes sobre o novo nome e comentários sobre a petição internacional de mudança do nome no *International Leprosy Congress*, em Bergen, 1974; a criação das revistas *Hansenologia Internationalis*, *Hanseníase*, *Resumo de Notícias* e *O Neologismo hanseníase*; sobre as leis que aprovaram a mudança do nome da doença.

Fita 2 - Lado A:

Comentários sobre baixa adesão do termo hanseníase pelas camadas populares, que reconhece a terminologia lepra; consideração sobre os plágios realizados acerca de sua pesquisa sobre o “*Fator N de Rotberg*”; suas atribuições e o trabalho realizado no Departamento de Profilaxia da Lepra e a suspensão da obrigatoriedade de isolamento dos pacientes com lepra; o uso dos serviços do *Lions Club* e do *Rotary Club* para a realização do trabalho de Educação sanitária que informava a população sobre as mudanças que estavam sendo implantadas na saúde; a desativação dos leprosários que tornaram-se hospitais gerais, com outras especialidades, ou institutos de pesquisas, entre 1967 e 1969; a mudança na medicação utilizada que passou a ser química com a introdução das Sulfonas e

o aumento na procura pelo novo medicamento; explicações sobre as condições para o paciente obter a alta e como esta era concedida nas décadas de 1930 e 1940, com as Comissões de Alta e a necessidade de apresentar, em média, 12 exames negativos consecutivos, mês a mês.

Fita 2 - Lado B:

Continuação dos comentários sobre as Comissões de Alta; explicações sobre os diferentes tipos de hanseníase e as principais formas de contágio; a eficácia da Sulfona, que possibilitou o fim do isolamento compulsório; o VII *International Leprosy Congress*, em 1958, em Tóquio e o debate sobre abolição desta prática como tratamento; a resistência ao fim do isolamento compulsório em São Paulo e o posicionamento dos anti-isolacionistas que se concentravam na Faculdade de Saúde Pública; o trabalho da deputada estadual, de São Paulo, Conceição da Costa Neves e seu discurso contrário ao isolamento; esclarecimentos sobre sua trajetória profissional e o trabalho concomitante de professor na Faculdade Paulista de Medicina, entre 1959 a 1972, e a direção do Departamento de Profilaxia da Hanseníase.

Fita 3 - Lado A:

Comentários sobre a campanha contra o nome lepra que realizou entre os alunos de graduação e o apoio recebido por estes; sobre o ensino de dermatologia durante sua graduação na USP, em 1928 e as aulas do professor João de Aguiar Pupo; considerações sobre a rivalidade que existia entre os anti-isolacionistas e os que eram a favor desta prática, como Francisco Eduardo Rabelo e João Ramos Silva, respectivamente; o funcionamento dos preventórios e o cotidiano dos leprosários; as creches para crianças nascidas dentro dos leprosários e a inviabilidade encontrada neste serviço; as atividades oferecidas nos leprosários, como as oficinas de trabalho, com o objetivo de dar uma ocupação aos internos; a condenação da igreja ao uso de métodos contraceptivos; a apresentação do trabalho escrito em parceria com Luiz Marino Bechelli sobre a ineficiência do óleo de chaulmoogra no X *International Leprosy Congress*, em Bergen, em 1973;

comentários sobre o leprologista Heráclides César de Souza Araújo e sua pesquisa sobre a lepra em diferentes países; a meta não alcançada de eliminação da hanseníase no Brasil até 2002; as três formas de combate às doenças: imunização, tratamento e eliminação do agente transmissor.

Fita 3 - Lado B:

Explicações sobre a impossibilidade de imunização da lepra, devido ao “*Fator N de Rotberg*” em comparações com outras doenças em que se pode combater o agente transmissor; a importância do tratamento ao doente para impedir o surgimento de novos casos e as dificuldades encontradas no tratamento longo que induz ao abandono; o trabalho de Wandick Del Fávero, na cidade de Candeias, Minas Gerais e o atual trabalho de Leontina Margarido, no Nordeste, sobre os elevados índices de novos casos de hanseníase; relato sobre a persistência do estigma da lepra que inibe o doente em buscar tratamento, mesmo após a mudança para hanseníase.

Fita 4 - Lado A:

Comentários sobre a implantação da poliquimioterapia e o longo período de tratamento, que leva ao desinteresse da população; aponta alguma diminuição do estigma da doença a partir do nome hanseníase; considerações sobre a possível cura da hanseníase; observações sobre congressos de dermatologia que são, atualmente, financiados pela indústria farmacêutica e lembranças de como eram os congressos que participava; seu trabalho no consultório particular de Dermatologia, que funcionava desde 1940; observações sobre a diferença no tratamento entre ricos e pobres.

Fita 4 - Lado B:

Comentários sobre a hesitação em aceitar a possibilidade do fim do isolamento compulsório, mesmo após a leitura do trabalho de Eduardo Rabelo contra esta prática; explicações sobre o posicionamento conservador a favor dos asilos, embora soubesse da ineficácia da internação como tratamento; sobre os diagnósticos feitos pelos motoristas do serviço e a aceitação dos médicos; comentários sobre a reação contra o isolamento e a criação do *leproestigma*, termo elaborado pelo depoente que significa o preconceito em relação à doença lepra, para amenizar o estigma que a doença possui, mesmo após a mudança do nome.